

**O mal-estar contemporâneo e os transtornos de ansiedade:
aprofundamento psicanalítico sobre a crescente dessa categoria de
diagnóstico e sua relação com aspectos culturais da atualidade**

Lucas Gabriel Baviera¹

Resumo

Propõe-se neste artigo aprofundar, a partir de uma chave de leitura de referencial psicanalítico, como se dá algumas categorizações de sofrimento contemporâneas, centralizadas no psicodiagnóstico dos chamados transtornos de ansiedade. Freud problematiza, por meio de seu conceito de mal-estar, como a forma de adoecer e sofrer psiquicamente está intrinsecamente relacionada com as organizações estruturais da cultura em que o sujeito está inserido. Tendo como embasamento a metodologia de revisão bibliográfica, apoiada em Freud, Birman e Han, além de outros autores em complementaridade, este artigo objetiva mapear noções da subjetividade predominantes da cultura contemporânea, especificamente aquelas que dialogam com as noções categóricas da nosologia dos transtornos de ansiedade. O percurso desta revisão levou a compreender como as modalidades de sofrimento da contemporaneidade, organizadas por Birman em três registros (o corpo, o excesso e a intensidade), se relacionam com os transtornos de pânico, de ansiedade generalizada e de estresse pós-traumático. Tendo como referência essa relação estabelecida, compreende-se, em termos gerais, como essas manifestações de sofrimento ultrapassam os modelos clássicos das neuroses de transferência, relacionada à angústia de castração, para se adequarem a outras categorias clínicas, como as neuroses atuais ou à clínica do trauma.

Palavras-chave: Transtornos de ansiedade, Psicanálise contemporânea, Mal-estar na cultura.

¹ Mestre em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Especialista em psicoterapia psicanalítica pela Escola Ryad Simon/Unip. Graduado em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente de psicologia na Universidade Nove de Julho de São Paulo (São Paulo, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4955-3365>. E-mail de contato: lucasbaviera@gmail.com.

Introdução

A experiência de estudar a angústia e o sofrimento humano, que passam por constantes transformações, convida-nos a constantes atualizações sobre quais percepções e conceitos primordiais utilizamos para compreender tais estados afetivos. Atualmente, destacam-se, como uma forma predominante de se compreender algumas expressões da angústia e do sofrimento, os diagnósticos psiquiátricos de *transtornos de ansiedade*.

A predominância dessa chave de leitura é evidenciada em relatórios de saúde, como o da Organização Mundial da Saúde (OMS) o qual aponta o Brasil como primeiro lugar em números de transtornos de ansiedade, com cerca de 18 milhões e meio de pessoas diagnosticadas (World Health Organization [WHO], 2017, p. 19). Objetivamos, neste artigo, uma leitura, sob viés psicanalítico, de três categorias desses diagnósticos (o pânico, a ansiedade generalizada e o estresse pós-traumático), a partir do conceito psicanalítico de *mal-estar na cultura*.

Freud (1930[1929]/1996) abre espaço para pensar no sofrimento levando em consideração o “espírito do tempo” de determinada época, ou seja, relacionado com a cultura que o envolve. No conceito de *mal-estar na cultura*, os limites possíveis de alcance de fruição e bem-estar, de um lado, em contrapartida a um inescapável mal-estar, como uma permanente camada de angústia, são apresentados como inseparáveis à condição de viver-se em uma organização social. À sua época, Freud descreveu como principais causas de mal-estar certo anseio em apegar-se a um “sentimento oceânico”, oriundo da experiência religiosa, ou o conflito gerado pelo tradicional dilema neurótico entre cumprir as obrigações impostas pelos costumes ou ceder à força pulsional de um desejo.

É notável que há, na atualidade, elementos de cultura que estavam apenas em estágios embrionários à época de Freud, como o desenvolvimento da globalização, impulsionado pela revolução tecnológica, que acelera o intercâmbio de informações e as relações humanas. Nesse novo contexto, elementos como a pressa, a busca por performance e o culto ao corpo tornam-se constitutivos tanto da cultura quanto das formas de sofrimento. Portanto, mostra-se relevante aprofundar-se nesse tema, uma vez que as formações da subjetividade contemporânea também se desenvolvem a partir de outras categorias do psiquismo. Birman (2014) apresenta da seguinte leitura sobre as características do mal-estar na atualidade: “a intensidade afetiva, o narcisismo e a experiência traumática organizam três registros de fontes de mal-estar: o registro do corpo, do excesso e da intensidade” (p. 43). Tais noções serão mais aprofundadas e desenvolvidas ao longo deste artigo.

A proposta de uma atualização no conceito de mal-estar é alicerçada numa mudança no tipo de estrutura psíquica. Birman (2014) apresenta sua leitura sobre as características do mal-estar da atualidade em contrapartida à organização clássica das neuroses descritas por Freud. A emergência de uma atualização em alguns conceitos fundamentais da psicanálise, conforme o avanço das produções culturais, havia sido observada também por Castel (1987). Em meados de 1980, as mudanças estruturais nas constituições familiares desdobravam-se em mudanças no tipo de demanda e queixa que chegava aos espaços de oferta de tratamento clínico. O autor pontua como a família passou a organizar-se menos em torno do patrimônio econômico e das transmissões de hábitos, a fim da manutenção ou da ascensão na escala social,

para uma organização que gira mais em torno do “capital relacional” (Castel, 1987, p. 158) de seus membros, o que implicaria em novas formas de queixas e demandas afetivas com relação aos familiares.

Retomando a organização dos três registros de Birman (2014), sobre o mal-estar contemporâneo, propomos, a seguir, um diálogo com três transtornos de ansiedade, conforme o manual DSM-V de diagnósticos, aqui destacados: o transtorno do pânico, o transtorno de ansiedade generalizada e o transtorno de estresse pós-traumático.

O pânico e a supervalorização do corpo

Um dos aspectos elementares a serem observados nas formações de subjetividade contemporânea diz respeito ao lugar ocupado pelo corpo e pela corporeidade. A exaltação do corpo, na cultura contemporânea, toma diversas formas de expressão, vistas em exemplos como a popularização das academias de musculação, a tendência à exibição do corpo nas redes sociais da internet, a popularização de procedimentos de alteração estética, entre outros. Birman (2014) elenca como um dos três registros das formações de mal-estar contemporâneo as expressões corporais de sofrimento e adoecimento. No corpo, manifestam-se de forma clara diversas patologias de ordem psíquica, frequentes da contemporaneidade, como a bulimia, a anorexia e o pânico.

Birman (2014) posiciona o corpo, na cultura contemporânea, como o “único e último bem de valor” (p. 70) do sujeito, na medida em que se observaria uma restrição de elementos até então valorizados, como o status e posição social a partir dos códigos morais da sociedade vitoriana-burguesa, da religiosidade, ou mesmo a aquisição de patrimônio, que também se tornou mais disputado e de difícil acesso. Cada vez mais, nota-se o acréscimo de práticas a serem inseridas na rotina do indivíduo, especialistas a serem consultados, hábitos a serem evitados, para que se possa fazer parte do que o autor nomeia como o “clube dos saudáveis” (p. 69) e assim administrar seu principal *bem de valor*. Contudo, seria impossível acompanhar o ritmo do avanço das ofertas de tratamentos à saúde, restando o sentimento de estarmos sempre em dívida em relação ao nosso cuidado com o corpo. Em outras palavras, posto que o corpo “ideal” passa a ser um imperativo a ser alcançado, o não alcance desse ideal gera mal-estar que pode resultar no adoecimento psicológico.

Essa sobrevalorização estética de ideais corporais aponta para um forte investimento libidinal no corpo, o que acaba favorecendo, também, que algumas expressões de angústia se manifestem sobretudo corporalmente. Birman (2014) compreende que, ao haver uma tendência a sobrevalorizar o corpo, este se torne um espaço privilegiado de descarga emocional, servindo como um destino de “escoamento da angústia” (p. 84). Daí, observamos de fato a popularização dos *episódios de pânico*, uma manifestação de sofrimento típica dos *transtornos de ansiedade*. Conforme a óptica diagnóstica do DSM, o pânico é entendido como a recorrência de manifestações intensas de desconforto nas funções cardiorrespiratórias, resultando em sudorese, taquicardia, tremores, asfixia, tontura, calafrios, entre outros. Acompanhando as reações orgânicas, há iminente sensação psicológica de morrer, ou enlouquecer (American Psychiatric Association [APA], 2014).

Apesar de a popularização da etiqueta diagnóstica de *transtorno de pânico* ser relativamente nova, Freud já oferecia, em texto de 1894, uma concepção nosológica psicanalítica para a apreensão do fenômeno do pânico. No texto “Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia”, há uma demarcação de fenômenos clínicos cujo sintoma central pode ser percebido nas manifestações corporais da angústia, como a arritmia cardíaca, palpitações, asma, sudorese, calafrios e tremores, além da vertigem, sintoma que ganha destaque de referência (Freud, 1895[1894]/1996). Nesse ponto, torna-se evidente a semelhança entre as descrições de neurose de angústia com o diagnóstico psiquiátrico de transtorno de pânico. Há, contudo, uma particularidade pertinente na categoria patológica da *neurose de angústia*: Freud aponta nesta uma “natureza distinta” das demais neuroses então exploradas, devido ao fato de que as reações de angústia dessa ordem não serem efeitos de uma defesa psíquica, não se encaixando, assim, na lógica do mecanismo de recalque e repressão das neuroses de transferência (p. 51).

A causa etiológica dessa manifestação clínica, na visão de Freud, seria a sobrecarga de excitação sexual, relacionada à abstinência parcial ou absoluta, gerando, dessa forma, um acúmulo tensionado de libido. Destarte, ao se expressar diretamente pela via somática, a libido é sentida como excitações excessivas nos referidos órgãos de regulação cardíaca, respiratória etc., culminando assim nos episódios de angústia – ou de pânico, na linguagem contemporânea. Nesse sentido, compreendemos como esse estatuto teórico-conceitual de Freud dialoga com o lugar que Birman (2014) situa a corporeidade, na cultura contemporânea, como um espaço privilegiado de “escoamento da angústia”, na medida em que, tanto na neurose de angústia constatada por Freud como nas manifestações atuais de pânico, haveria uma predominância da via somática-corporal sobre a via simbólica-representativa nas manifestações da subjetividade humana, inclusive aquelas que expressam o sofrimento. Demarca-se assim, portanto, a particularidade da cultura contemporânea em sobressaltar os adoecimentos somatoformes de ordem psíquica (como o pânico), posto que os casos de neurose de angústia, à época de Freud, pareciam ter menor incidência do que as formas típicas das neuroses de ordem simbólica, haja vista a maior atenção que essas últimas receberam dos psicanalistas da época.

O excesso e o transtorno de ansiedade generalizada

Num segundo registro da expressão do mal-estar contemporâneo, Birman (2014) situa o excesso presente em diversas questões da organização cultural. Um exemplo é o agravamento dos problemas ambientais e climáticos, associados ao excesso de poluição decorrente de comportamentos voltados ao consumo e à produção acelerada, desembocando em problemáticas cada vez mais preocupantes e evidentes. Nota-se, sobretudo, como a tendência ao excesso parece estar conectada à noção de consumo e performance, atrelados aos meios de produção e trabalho. A representação dessa marca do excesso se daria primordialmente mediante sintomas e manifestações de sofrimento encontrados nos diagnósticos do transtorno de ansiedade generalizada (TAG). Birman (2014) associa ao registro do excesso os adoecimentos organizados no fundamento do protagonismo da agressividade,

das compulsões mais variadas e da hiperatividade. O conceito de hiperatividade tem uma íntima aproximação com os critérios diagnósticos dos transtornos de ansiedade, a ponto de, muitas vezes, ansiedade e hiperatividade serem empregadas como sinônimos na comunicação cotidiana para se referir a um ato irreflexivo, um agir sem pensar, uma inquietação.

Conforme Birman (2014), o modo subjetivo do excesso inverte a famosa lógica cartesiana do “penso, logo existo” para uma lógica hiperativa do “agir, logo existir” (p. 84). Opera uma lógica de que, durante o agir interminável, o indivíduo ocuparia a atenção de modo a não experimentar sua subjetividade e suas angústias em níveis mais profundos. Além disso, essa espécie de pressa constante, proveniente da hiperatividade, levaria o indivíduo a repetições infinitas, visto que não propicia consistência suficiente para alcançar – e suportar – experiências mais “densas”, que demandam intervalos de espera e reflexão. Em sintonia com esse argumento, encontramos em Han (2017) proeminentes e precisas apreensões da subjetividade contemporânea, no que tange aos efeitos e causas da hiperatividade. Em sua obra “Sociedade do cansaço”, o autor critica a adesão espontânea, presenciada como uma máxima da subjetividade contemporânea, aos ideais de performance, do compromisso com o desempenho e com a produtividade, que são os motores ignitivos das relações de trabalho. Esses ideais de performance no trabalho, apesar de evidentes desde a era da Revolução Industrial, são, de fato, potencializados atualmente pelo aceleração que a tecnologia proporcionou à troca de informação e à capacidade de produção.

Han (2017) nomeia de *positividade* ou *pensamento positivo* a tendência do indivíduo de se organizar pela prontificação e aderência àquilo que lhe é evocado como cultura e ideais a serem seguidos. Em contrapartida, chama de *negatividade* ou de *pensamento negativo* as ações do indivíduo que levam o sujeito à alteridade e à diferenciação de si em relação à massificação social, fornecendo, assim, uma espécie de fortalecimento de um “sistema imunológico” cognitivo e psicológico. Nesse sentido, a hiperatividade é apreciada pelo autor como um dos principais sintomas desse “pensar positivamente” (p. 12). A hiperatividade, portanto, sendo consequência do pensamento positivo, é uma tendência que dissemina comportamentos como a *hiperatenção*, definida por Han como um modo de estar presente na vida que contrasta com um modo de maior “profundidade e contemplação”, típica dos processos de criação e do desenvolvimento de cultura e da arte. A hiperatenção é explicada por Han (2017) como um estado de consciência disperso, com rápida mudança de foco e difuso em diversas atividades paralelas. Esse modelo de atenção seria, de fato, o modo de atenção mais apropriado à organização subjetiva contemporânea, uma vez que a predominância é a do excesso – excesso de estímulos, de informação e de tarefas a serem cumpridas –, sendo necessária uma atenção difusa, que procure permear tudo o que se põe como dever ao indivíduo.

A hiperatenção, contudo, acarreta efeitos colaterais, observados, de fato, na tendência contemporânea a diagnósticos relacionados ao sintoma de ansiedade. Para Han (2017), a nocividade da hiperatenção se manifesta como uma *intolerância ao tédio*, que implicaria a infertilidade da criatividade, na medida em que tolerar certo grau de tédio seria fundamental para que haja movimentos de inovações. O autor apresenta uma ilustração para expressar esse conceito, feita com base em uma analogia com o ato de caminhar, no qual haveria algo de entediante: um movimento repetitivo e monótono. Se suportado o tédio gerado pelo

caminhar, o sujeito pode, primeiramente, perceber-se entediado, para depois arriscar uma quebra de uniformidade, na forma de um passo diferente, como um passo de dança. Todavia, na lógica da hiperatividade, ao se ver entediado, o sujeito apenas corre, ou seja, intensifica o mesmo movimento entediante, prendendo-se assim num ciclo de ansiedade e esgotamento. É possível verificar essas marcas de mal-estar – o cansaço fruto da hiperatividade, a irritação, a repetição – com frequência em relatos clínicos de pacientes ansiosos e nas queixas de sofrimento do sujeito contemporâneo. Nesse sentido, encontra-se na categorização do transtorno de ansiedade generalizada, conhecido, popularmente, como TAG, as descrições diagnósticas relacionadas, já que se fala de uma constante de “preocupações excessivas”, relacionadas principalmente às “circunstâncias diárias” da vida do indivíduo, como as tarefas profissionais, o estado de saúde, organização financeira, assim como a dificuldade de concentração (APA, 2014, p. 223).

Há, nesse subtipo de transtorno de ansiedade, a apreensão acerca do desempenho do indivíduo – no âmbito escolar ou profissional, particularmente, levando a uma ligação com o fenômeno apontado por Han como a identificação ao discurso do desempenho e da performance, bem como ao registro do excesso de Birman (2013). Ao que parece, nos sofrimentos compatíveis com o diagnóstico do TAG, a aceleração de um andar monótono, como a escalada nos degraus de ascensão profissional, leva a uma corrida performática, sem desfrutar, contudo, do movimento criativo de um passo de dança.

Ao mesmo tempo, essa tendência ao desempenho resulta em certo empobrecimento de funções psíquicas que fazem parte da maturação emocional, como a capacidade de continência do tédio – que permitiria o sonhar e a restauração da sua vitalidade, após um período de esforço. É possível relacionar esta dinâmica com a psicopatologia do *falso self*, descrita por Winnicott (1960/1998) como o resultado de uma adaptação precoce do sujeito a um ambiente não acolhedor às suas necessidades primordiais. Na teoria winnicottiana, o processo de maturação emocional é atravessado tanto por estados de excitação quanto por estados de relaxamento, sendo ambos necessários de serem integrados pela personalidade. Sendo assim, em um contexto sócio-cultural marcado pela exigência da *alta performance*, a construção de um *self* fortalecido e bem integrado em suas experiências afetivas, que depende da capacidade de vivenciar momentos de tédio, devaneio e repouso, se veem prejudicadas pela aceleração contínua e uma busca compulsiva por resultados, que inibe a oportunidade dessas experiências serem plenamente integradas.

Na falta, portanto, da integração dos estados emocionais de relaxamento, tédio e vazio, o indivíduo tende a dissociar psiquicamente, gerando dentro de si sentimentos de ansiedade e de futilidade sobre a própria existência, devido a dificuldades ambientais que facilitariam para o sujeito a própria integração de seu *self*. Em oposição a um amadurecimento autêntico e gradual, que permita à pessoa sustentar sua própria existência e escolhas, cria-se uma adaptação forçada e precoce ao ambiente, marcada pelo esforço constante em corresponder a expectativas externas - fenômeno descrito por Winnicott como *falso self*. No contexto cultural contemporâneo que destacamos, a adaptação submissa ao ambiente seria a adaptação à lógica do desempenho, frequentemente observada em quadros de transtorno de ansiedade generalizada, que culmina por intensificar sentimentos de futilidade, insegurança e

desconexão interna. Assim, os sintomas de ansiedade descritos neste quadro não são apenas reações isoladas, mas parte de uma soma de conflitos mais profundos entre a impossibilidade de ser autêntico, frente às exigências precoces de adaptabilidade ao meio.

A intensidade e o transtorno de estresse pós-traumático

Na vigente experiência cultural, o registro da intensidade se daria, conforme Birman (2014), principalmente, a partir da forma em que se experimenta o tempo. É evidente como as transformações da sociedade atual, oriundas das revoluções tecnológicas, transformaram intensamente a relação do indivíduo com o tempo, mesmo sendo “tempo” uma noção abstrata. A inserção no cotidiano, não passível de regresso, de aparatos tecnológicos, como o aparelho celular *smartphone*, dificultaria a capacidade de transitar entre momentos de temporização diferentes, convidando o indivíduo a “não desligar”, levando assim a uma relação inédita com o tempo – geradora, também, de diversas atuais modalidades de mal-estar. Birman (2014) pontua como, de modo geral, haveria tendências ao sujeito contemporâneo de experimentar níveis desse descompasso no modo de experimentar o tempo, devido às transformações ocorridas no modo de a sociedade organizar-se atualmente. Nos termos do autor, essa maior insegurança simbólica acarreta maior “imprevisibilidade e instabilidade dos códigos simbólicos oferecidos” (Birman, 2014, p. 104).

Como função psíquica, a forma como o sujeito experimenta o tempo fornece importante contributo para a construção da subjetividade humana. Conforme Birman (2014), posto que atua como um organizador da vida psíquica – de memórias, afetos e fantasias – em algo lógico e sequencial, a noção temporal atua no sentido de uma “transformação do instante numa continuidade modulada” (p. 101). Se se pensar os fatores tempo e espaço como organizadores da experiência humana, o impacto que o contínuo diálogo desses dois exerce se mostra por intermédio da relevância em se demarcar ciclos e eventos importantes, como a mudança das estações climáticas, o nascimento, o aniversário, a morte etc. São eventos que se repetem de modo relativamente organizado ou que se datam em determinado ponto, fornecendo, assim, uma espécie de contingência ao ser humano. É, portanto, no temporalizar a experiência subjetiva que as possibilidades de simbolizações de afetos intensos se mostram mais propícias a acontecerem. Do contrário, há maiores chances de que ao não se encaixar numa sequência organizada essa experiência afetiva se repita, de forma invasiva e traumática, diferenciando-se da repetição neurótica, essencialmente, pela crueza – ou intensidade – dos afetos.

Semelhante às descrições dadas sobre essa forma de se relacionar com o tempo, na subjetividade contemporânea, encontramos as mesmas características sobre a dificuldade de “datar”, ou seja, marcar no tempo, simbolizar e encerrar, relativamente, certas experiências, no transtorno de estresse pós-traumático (Tept). Essa categoria, apesar de classificada em outro subtipo de diagnósticos de não ansiedade, é aproximada destes, sendo a manifestação da ansiedade “invariavelmente presente no transtorno de estresse pós-traumático” (APA, 2014, p. 226). Em sua definição técnica, o transtorno de estresse pós-traumático é diagnosticado com base na observação de reincidências invasivas de rememorações de algum episódio

traumático vivenciado – ou presenciado – pelo indivíduo, na forma de pensamentos invasivos, sonhos ou mesmo *flashbacks* dissociativos, que levam o indivíduo a reagir com explosões de agressividade e atitudes de autodepreciação. A categoria estabelece como episódios com “potencial traumatizador” eventos que envolvam abuso sexual, risco de morte ou lesão grave (APA, 2014, p. 272).

Freud (1926[1925]/1996) também diferencia, no sentido estrutural e nosológico, os sofrimentos oriundos de uma experiência traumática daqueles oriundos de uma formação neurótica. De modo sintético, essas duas categorias podem ter sua diferença explicada como sendo as formações neuróticas uma reação da organização psíquica a algum material do inconsciente que seja incompatível com a escala de valores do sujeito, enquanto as formações traumáticas implicaram uma maior crueza da experiência dolorosa, algo cujo aparato psíquico não pôde elaborar. Desse modo, o tipo de angústia, associada ao trauma, experimentada pelo indivíduo corresponderia à chave da angústia automática, que remonta à não elaboração da dor e da angústia, levando o indivíduo sempre a repetir a mesma experiência traumática.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, dedicado a leituras de aspectos que permeiam os modos de expressão de sofrimento contemporâneo, centralizados nas expressões nomeadas a partir de chaves diagnósticas de *ansiedade*, objetivamos fornecer maior abertura na compreensão daquilo que, a princípio, é oferecido pelo discurso mais predominante da cultura a partir, exclusivamente, da lógica pautada na aferição sintomática e categorizante da ansiedade, consoante o manual psiquiátrico DSM-V.

Considerando que o empobrecimento da capacidade de simbolizar constitui um fator relevante nas novas formas de sofrimento psíquico na contemporaneidade, este artigo abordou alguns pontos específicos sobre o tema. Assim, busca oferecer uma introdução a estudos mais aprofundados, desenvolvidos pelos próprios autores aqui referenciados. Destaca-se, neste levantamento, a predominância de uma noção de saúde como bem de consumo, centrada em uma visão de corpo como “único e último bem de valor” (Birman, 2014, p. 70), levando o sujeito contemporâneo a buscar intervenções que assegurem mais “saúde”, como um bem de consumo, de forma a reduzir a concepção de bem-estar a um modo que pode chegar a ser iatrogênico.

Em acréscimo, verifica-se que a cultura do *desempenho*, conforme descrita por Han (2017), leva o indivíduo a internalizar um processo de constante inquietação e hiperatividade, prejudicando assim o relaxamento e a criatividade. É possível verificar, também, a forma de se relacionar com o tempo, na atualidade, conduzindo à experiência do traumático, devido a uma compulsão à repetição que foge à significação de eventos, organizados em uma ordem cronológica, o que desemboca em formações de subjetividade que extrapolam as marcas típicas do conflito caracteristicamente neurótico. Destarte, os registros do mal-estar contemporâneo apontam para formações subjetivas de caráter menos neurótico e mais narcísicas, no sentido de pré-neuróticas, segundo apontam os paralelos entre o registro

do corpo e a neurose de angústia, o registro do excesso e a sobreposição dos estados de excitação e a alteração na experiência do tempo e a experiência do trauma.

Em suma, o empobrecimento generalizado da capacidade de *simbolizar*, relacionada com as novas formas de experimentar a temporalidade e as pressões contemporâneas pelo desempenho profissional e pessoal, mostra-se como fator desafiador para as práticas clínicas contemporâneas, convidando, assim, a comunidade a direcionar a atenção, com afinco, para essas novas modalidades de sofrimento, empenhando-se em acompanhar as mudanças progressivas da cultura.

Referências

- American Psychiatric Association – APA (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Birman, J. (2014). *O sujeito na contemporaneidade* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Castel, R. (1987). *A gestão dos riscos: da antipsiquiatria à pós-psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves.
- Freud, S. (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 81-176). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926[1925]).
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 67-154). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930[1929]).
- Freud, S. (1996). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 93-122). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895[1894]).
- Han, B. (2017). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.
- World Health Organization – WHO (2017). *Depression and other common mental disorders, global health estimates*. Recuperado em 18/08/2025 em: <<https://www.who.int/publications/i/item/depression-global-health-estimates>>.
- Winnicott, D. (1998) 1960. Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso self. In Winnicott, D. *Ambiente e os processos de maturação* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1960).

Contemporary suffering and anxiety disorders: a psychoanalytic analysis of the rise of this diagnostic category and its relationship with current cultural aspects.

Abstract

The aim of this article is to explore, using a psychoanalytical reading, how some contemporary categorizations of suffering, centered around the psychodiagnosis of so-called anxiety disorders. Freud problematizes, through his concept of *discomfort in civilization*, how the form of becoming ill and suffering psychically is intrinsically related to the structural organizations of the culture in which the individual is inserted. In this sense, using a bibliographic review methodology, this article focuses on searching for notions of subjective and cultural character in today's society that dialogue with the pragmatic nosology of anxiety disorders. Based on the categorization proposed by Birman, which divides the modalities of contemporary suffering into three registers (the body, the excess and the intensity), we relate and deepen, with Freud, Birman and Han, with other authors in complement, how these registers relate to panic, generalized anxiety and post-traumatic stress disorders. The relationship was established mainly on the basis of a way in which anxiety manifested in contemporary times is expressed in ways that go beyond the classic models of transference neuroses, related to castration anguish.

Keywords: Anxiety disorders, Contemporary psychoanalysis, Suffering in culture.

Malaise contemporain et troubles anxieux: une analyse psychanalytique de l'essor de cette catégorie diagnostique et de ses rapports avec les aspects culturels actuels

Résumé

L'objectif de cet article est d'explorer, à l'aide d'une lecture psychanalytique, comment certaines catégorisations contemporaines de la souffrance, centrées autour du psychodiagnostic des soi-disant troubles anxieux. Freud problématise, à travers son concept de malaise dans la civilisation, la façon dont la forme de tomber malade et de souffrir psychiquement est intrinsèquement liée aux organisations structurelles de la culture dans laquelle l'individu est inséré. Dans ce sens, en utilisant une méthodologie de revue bibliographique, cet article se concentre sur la recherche de notions de caractère subjectif et culturel dans la société d'aujourd'hui qui dialoguent avec la nosologie pragmatique des troubles anxieux. Sur la base de la catégorisation proposée par Birman, qui divise les modalités de la souffrance contemporaine en trois registres (le corps, l'excès et l'intensité), nous relions et approfondissons, avec Freud, Birman et Han, en plus d'autres auteurs complémentaires, la manière dont ces registres se

rapportent à la panique, à l'anxiété généralisée et aux troubles du stress post-traumatique. La relation a été établie principalement sur la base d'une façon dont l'anxiété qui se manifeste à l'époque contemporaine s'exprime d'une manière qui dépasse les modèles classiques des névroses de transfert, liées à l'angoisse de castration.

Mots-clés : Troubles anxieux, Psychanalyse contemporaine, Souffrance dans la culture.

Malestar contemporáneo y trastornos de ansiedad: un análisis psicoanalítico del auge de esta categoría diagnóstica y su relación con aspectos culturales actuales

Resumen

El objetivo de este artículo es explorar, a partir de una lectura psicoanalítica, cómo algunas categorizaciones contemporáneas del sufrimiento, centradas en torno al psicodiagnóstico de los llamados trastornos de ansiedad. Freud problematiza, a través de su concepto de malestar en la civilización, cómo la forma de enfermar y sufrir psíquicamente está intrínsecamente relacionada con las organizaciones estructurales de la cultura en la que el individuo está inserto. En este sentido, utilizando una metodología de revisión bibliográfica, este artículo se centra en la búsqueda de nociones de carácter subjetivo y cultural en la sociedad actual que dialoguen con la nosología pragmática de los trastornos de ansiedad. A partir de la categorización propuesta por Birman, que divide las modalidades del sufrimiento contemporáneo en tres registros (el cuerpo, el exceso y la intensidad), relacionamos y profundizamos, con Freud, Birman y Han, además de otros autores complementarios, cómo estos registros se relacionan con los trastornos de pánico, ansiedad generalizada y estrés postraumático. La relación se estableció principalmente a partir de la forma en que la ansiedad manifestada en la época contemporánea se expresa de maneras que van más allá de los modelos clásicos de neurosis de transferencia, relacionados con la angustia de castración.

Palabras clave: Trastornos de angustia, Psicoanálisis contemporáneo, Sufrimiento en la cultura.

Recebido em: 14/06/2024

Revisado em: 17/03/2025

Aceito em: 22/05/2025